

## **Contributos para a compreensão da coadjuvação de Expressão e Educação Musical, no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Alexandre Leitão<sup>1</sup>**

**Maria Leonor Borges**

**Jorge Santos**

Universidade do Algarve

### **RESUMO**

Pretendendo abordar a importância da coadjuvação na expressão e educação musical (EEM)<sup>2</sup> no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), enquanto medida pedagógica para melhorar a leção de EEM, desenvolvemos um estudo sobre esta temática. A EEM é uma disciplina do currículo do 1.º CEB com importância para o desenvolvimento global dos alunos, que habitualmente é lecionada pelos professores do 1.º CEB. Estes professores, isoladamente, referem ter algumas dificuldades no ensino desta disciplina. Este sentir por parte destes profissionais motivou o desenvolvimento do estudo e a sua pergunta de partida: será importante a coadjuvação na EEM, no 1.º CEB, por um docente especializado na área da música?

O estudo enquadrado-se num paradigma qualitativo, sendo um estudo exploratório, na forma de estudo de caso, na escola do 1.º CEB de um agrupamento de escolas no Algarve.

Identificámos os constrangimentos na leção de EEM pelos professores do 1.º CEB, com consequências no cumprimento do programa. Os resultados evidenciam que estes professores pretendem ser coadjuvados em EEM, por um professor especialista na área da música e que a coadjuvação em EEM é uma estratégia importante para melhorar o seu ensino, quer no que se ensina, quer no modo como se ensina.

**Palavras-chave:** Coadjuvação; Expressão e Educação Musical; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Música.

### **ABSTRACT**

Intending to address the importance of co-teaching in expression and music education in primary education as a pedagogical measure to improve teaching expression and music education, we developed a study on this topic. Music expression and education is a subject in the primary education curriculum with importance for the overall development of students, which is usually taught by primary education teachers. These teachers, alone, report having some difficulties in teaching this subject. This feeling by these professionals motivated this study and the starting question: Will it be important to have co-teaching in expression and music education in primary education, by a music teacher?

The study fits into a qualitative paradigm, being an exploratory study, in the form of a case study, in the primary school of a group of schools in Algarve.

We identified the constraints in the teaching of expression and music education by primary education teachers, with consequences for the fulfillment of the program. The results show that these teachers intend to be assisted in expression and music education by a specialist in the field of music, and that this assistance is an important strategy to improve their teaching, both in what it is taught and the way it is taught.

**Keywords:** Co-teaching; Expression and Music Education; Primary Education; Music.

---

<sup>1</sup>Endereço de contacto: alexandremleitao@gmail.com

<sup>2</sup>O Despacho nº 6605-A/2021, de 6 de julho, revoga o documento curricular “Organização Curricular e Programas do 1.º CEB” passando a EEM a ser designada por Música, conforme consta nas Aprendizagens Essenciais na área da Música no 1.º CEB e no Decreto-Lei nº 55/2018, de 6 de julho. Mantemos a denominação EEM por ser a utilizada na data em que foi desenvolvido este estudo.

## 1. Introdução

Apresentamos neste artigo os resultados obtidos no estudo “Contributos para a Compreensão da Coadjuvação de Expressão e Educação Musical, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, num Agrupamento de Escolas do Algarve”, realizado no âmbito do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, na Universidade do Algarve.

O professor do 1.º CEB é o responsável pelo desenvolvimento do currículo no ensino básico do 1.º ao 4.º ano de escolaridade. Tendo que abordar todas as disciplinas previstas no currículo como o português, a matemática ou estudo do meio, na EEM expressam dificuldade na abordagem por falta de conhecimentos, falta de formação e falta de tempo devido à extensão dos programas curriculares nas diversas disciplinas.

A música é uma área artística bastante importante no desenvolvimento da criança, com um carácter motivador e interdisciplinar por excelência, com reconhecido valor por si própria, ajuda na aquisição de competências nas diversas áreas, “ajuda na formação de conceitos, no desenvolvimento da autoestima e na interação com o outro” (Goés, 2009, p. 1). Sendo reconhecidas inúmeras vantagens à música e existindo dificuldades na sua abordagem pelos professores do 1.º CEB, temos a questão de partida do estudo: será importante a coadjuvação na EEM, no 1.º CEB, por um docente especializado na área da música?

Como objetivo principal, o estudo pretendeu conhecer as perceções e as práticas de coadjuvação na EEM, no 1.º CEB. Para atingir este objetivo foram delineados outros objetivos mais específicos: conhecer a importância da EEM; identificar as razões do diretor do agrupamento para a atribuição ou não de coadjuvação na EEM no 1.º CEB; identificar os principais constrangimentos na lecionação da EEM; perceber se o currículo de EEM é cumprido; saber se os professores do 1.º CEB pretendem/continuam a pretender ser coadjuvados por um professor especializado na área da música; conhecer o funcionamento da coadjuvação em EEM; identificar as vantagens e desvantagens da coadjuvação; entender a diferença de perceções entre docentes do 1.º CEB com e sem coadjuvação de professor especializado na área da música; identificar o perfil ideal do professor coadjuvante e identificar práticas e estratégias promotoras da coadjuvação no 1.º CEB na EEM.

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos, enquadrados num paradigma qualitativo, desenvolvemos um estudo exploratório, na forma de estudo de caso, na escola do 1.º CEB de um agrupamento de escolas no Algarve.

Foi nossa pretensão reunir um conjunto de conhecimentos mais alargados que permitam aprofundar a compreensão da coadjuvação em EEM, para melhorar a prática desta medida educativa e os seus impactos na qualidade do que se ensina e do que se aprende.

Iniciamos o artigo com um breve enquadramento teórico, organizado em três temas: coadjuvação; a música na escola; a expressão e educação musical e o professor do 1.º ciclo do ensino básico. Seguidamente, apresentamos a metodologia com a descrição e justificação dos procedimentos metodológicos e posteriormente a apresentação e análise dos resultados. Por fim, apresentamos as considerações finais com a resposta à questão de partida.

## 2. Coadjuvação

A possibilidade de utilizar a coadjuvação no ensino, em termos de legislação, surgiu pela primeira vez na Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, ou seja, há 36 anos. Atualmente, continua a ser referida no Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, destacando-se o artigo 21.º, sobre as dinâmicas pedagógicas onde se lê que “com vista à promoção da qualidade e eficiência educativas” poderá ser implementado “o trabalho colaborativo, valorizando-se o intercâmbio de saberes e de experiências, através de práticas de coadjuvação entre docentes, do mesmo ano ou ciclo, de vários ciclos e níveis de ensino e de diversas áreas disciplinares”.

A coadjuvação representa uma estratégia de colaboração entre professores, dentro e fora da sala de aula, mas sobretudo na sala de aula, tendo como objetivo um acompanhamento mais próximo, concreto e eficaz dos alunos para melhorar as suas aprendizagens e diminuir o insucesso escolar (Lourenço, 2018). Analisando as práticas educativas europeias, interessa observar que a larga maioria dos sistemas de ensino europeus, utilizam esta estratégia ou equipas pedagógicas nos primeiros anos de escolaridade (Coelho, 2014). A maioria dos autores que analisam a coadjuvação, avaliam-na como uma estratégia de elevado potencial de êxito, em

que a colaboração representa a chave para conquistar o tão desejado sucesso dos alunos, representando para Cebola (2013) e Costa et al. (2019a) um meio de melhorar a prática educativa dos professores do 1.º CEB em regime de monodocência. Poderá servir, segundo Rangel (2000), como meio de ultrapassar as limitações da formação em determinadas áreas, tais como nas expressões artísticas, devendo-se trabalhar em equipa, situação cada vez mais frequente e eficaz, de modo a cumprir o currículo.

Na perspetiva dos docentes do 1.º CEB, o ensino da música deverá ser levado a cabo com a colaboração do professor de música, por reconhecerem a falta de formação inicial e a pouca preparação/insegurança para a sua abordagem (Costa et al., 2019a; Dias, 2011). O vocabulário intrínseco à música como timbre, harmonia, sistema tonal, entre outros, é completamente desconhecido para a maioria dos professores do 1.º CEB, tornando a missão destes bastante ingrata ao ter que abordar conteúdos tão singulares sem uma capacitação e apoio (Bréscia, 2011). Há que ter em conta que apenas um terço dos docentes do 1.º CEB afirmam sentirem-se preparados para lecionar a EEM (Costa et al., 2019a).

Para Tracana (2013) as aprendizagens previstas no ensino da música no 1.º CEB, possuem elementos artísticos e técnicos bastante específicos, em que a “experiência e o conhecimento do professor coadjuvante na área da música podem vir a ser fundamentais para a construção efetiva de conhecimentos musicais por parte das crianças, centrando-se na interpretação, composição e audição” (p. 57), competências que habitualmente o professor do 1.º CEB não domina totalmente e que isoladamente não consegue transmitir aos seus alunos para cumprir o currículo na íntegra. A planificação em conjunto, entre estes dois docentes (professor generalista e professor especialista), reveste-se de importância acrescida para o debate e definição de estratégias, sendo reconhecido, no entanto, que não é praticada de uma forma consistente e constante (Santos, 2007).

Opinião divergente é apresentada por Moraes (1999) ao referir que o professor especialista na área da música não consegue assegurar como o professor do 1.º CEB a planificação e a seleção das atividades a desenvolver e, por este motivo, este último deve assumir a sua responsabilidade enquanto promotor das atividades ligadas à música. Considera ainda que a intervenção do especialista dever-se-á realizar pontualmente ou regularmente, apenas para a execução de projetos que não seriam possíveis executar ou ficariam mais pobres.

Para Gardner (2012), as crianças devem lidar com artistas e professores de artes para conviverem com o tipo de pensamento que estes possuem. As disciplinas artísticas necessitam de ser lecionadas por quem tem um conhecimento aprofundado e as consegue desenvolver mais além. No caso específico da música, precisam de um docente capaz de ser músico, capaz de “pensar musicalmente e não apenas introduzir a música através da linguagem ou da lógica” (p. 123).

### **3. A música na Escola**

Todos os humanos têm aptidão musical, não é um dom exclusivo de apenas alguns predestinados (Bréscia, 2011; Gordon, 2000; Moreira, 2012), e a sua utilização “promove e enriquece a nossa compreensão de nós mesmos e do mundo” (Swanwick, 2003, p. 18).

É entendimento do sistema educativo ensinar música nas escolas a todas as crianças, de modo a proporcionar esse conhecimento e desenvolver competências musicais “numa perspetiva do desenvolvimento global das capacidades inatas do ser humano” (Relvas, 2009, n.p.). Na perspetiva de Bréscia (2011), a aprendizagem de música na escola “além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo” (p. 74). A música é um meio excecional no “desenvolvimento de capacidades pessoais e sociais imprescindíveis às vidas das crianças” (Ministério da Educação, 2018, p. 2).

Rocha (2012) reconhecendo os benefícios que a música possui ao nível cognitivo, social e emocional, no bem-estar físico e psíquico e nos benefícios na compreensão de outras áreas, suporta que estes argumentos não deverão ser por si próprios a validação para a música fazer parte do currículo escolar. Para o autor “ouvir, tocar e compor é essencial para o ser humano” (p. 64) e este deve ser o argumento, que está demonstrado pelo valor na história da humanidade. A disciplina de música na escola tem um perfil tão concreto que nenhuma outra disciplina conseguirá colmatar (Bréscia, 2011). Segundo Vasconcelos (2006), o

desenvolvimento da literacia musical é apresentada como o grande propósito da aprendizagem da música nas escolas do 1.º CEB.

Costa et al. (2019a) constata que a música não é lecionada com frequência no 1.º CEB e a sua prática é limitada. A substituição das atividades musicais por outras consideradas mais importantes e a falta de profissionais especializados nesta área são encaradas como uma contrariedade (Goés, 2009).

São identificadas, genericamente, as razões pelas quais a música deverá ser lecionada na escola são as seguintes:

- Conhecer música é importante;
- A música transmite nossa herança cultural. É tão importante conhecer Beethoven e Louis Armstrong quanto conhecer Newton e Einstein;
- A música é uma aptidão inerente a todas as pessoas e merece ser desenvolvida;
- A música é criativa e auto-expressiva, permitindo a expressão de nossos pensamentos e sentimentos mais nobres;
- A música ensina os alunos sobre seus relacionamentos com os outros, tanto em sua própria cultura quanto em culturas estrangeiras;
- A música oferece aos alunos rotas de sucesso que eles podem não encontrar em parte alguma do currículo;
- A música melhora a aprendizagem de todas as matérias;
- A música ajuda os alunos a aprenderem que nem tudo na vida é quantificável;
- A música exalta o espírito humano. (Campbell et al., 2000, p. 147)

#### **4. A Expressão e Educação Musical e o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Sendo a EEM uma área curricular como a matemática ou o português (Relvas, 2009; Soares, 2012) no 1.º CEB, é habitualmente desenvolvida pelo professor de 1.º CEB. Para estes professores a EEM é demasiado específica para ser compreendida, criando uma série de “equivocos e preconceitos” (Figueiredo, 2004, p. 56) por se considerarem desprovidos de talento nesta área, sem confiança na abordagem dos conteúdos e sem os conhecimentos adequados para a lecionar adequadamente (Associação Portuguesa de Educação Musical, 2009). Para além da falta de formação adequada na área da música, na vertente dos professores do 1.º CEB, existem ainda outros fatores que dificultam e limitam a lecionação da EEM nomeadamente, a prioridade na lecionação de outras disciplinas, a falta de espaço adequado para a desenvolver (Dias, 2011), a extensão dos programas curriculares nas outras áreas, poucos materiais adequados e a falta de recursos humanos (Costa et al., 2019a, 2019b).

Uma observação a ter em consideração, prende-se com o facto da larga maioria dos professores do 1.º CEB terem a noção que os seus alunos gostam das aulas onde se desenvolvem as atividades musicais/artísticas (Figueiredo, 2004). O currículo de EEM não é desenvolvido com a mesma seriedade que noutras disciplinas (Reis, 2012), mesmo quando reconhecem a importância no que respeita ao “desenvolvimento de competências musicais e artísticas, o desenvolvimento da capacidade de memorização e o equilíbrio emocional, o desenvolvimento global do aluno, a capacidade de atenção/concentração e o relaxamento e descontração do aluno” (Costa et al., 2019b, p. 90).

Relativamente à importância atribuída à EEM e às outras disciplinas artísticas, verifica-se que são lecionadas com frequência nas últimas horas do dia, reservando as primeiras do horário para português, matemática e estudo do meio (Pacheco, 2000) por ser o período onde existirá maior facilidade na aquisição das aprendizagens (Teixeira, 2016).

Segundo Relvas (2009) existe a ideia generalizada nos professores do 1.º CEB de não possuírem musicalidade continuando, no entanto, a desenvolver atividades musicais com os seus alunos. Recorrem sobretudo à utilização das canções como o principal meio de melhorar as aptidões musicais dos discentes (Carvalho & Condessa, 2017).

## 5. Metodologia

Face aos objetivos que se pretenderam atingir e pela forma como foi desenvolvido, o estudo enquadrou-se num paradigma qualitativo, sendo um estudo exploratório, na forma de estudo de caso, num agrupamento de escolas na região do Algarve com prática de coadjuvação em EEM implementada há mais de 30 anos. Apresentámos uma visão interpretativa que representa, segundo Freixo (2011), uma perspetiva inerente ao estudo de caso, em que procurámos compreender “como é o mundo do ponto de vista dos participantes” (p. 111).

Recorremos à combinação de métodos qualitativos e quantitativos que Coutinho (2020) considera legítima para permitir um maior entendimento do que se estuda: foram aplicadas entrevistas semiestruturadas ao diretor do agrupamento em estudo, ao coordenador do grupo disciplinar de EM, à coordenadora de departamento do 1.º CEB, à coordenadora de estabelecimento do 1.º CEB e ao professor coadjuvante de EEM; realizámos um *focus group* com seis professoras do 1.º CEB, em que três foram coadjuvadas em EEM nos últimos dois anos e as restantes não o foram; aplicámos um inquérito por questionário, com questões abertas e fechadas, dirigido a um universo de 20 professores do 1.º CEB, titulares de turma, tendo obtido uma taxa de participação de 95%, que corresponde a 19 respondentes, todas do sexo feminino; efetuámos uma análise documental do Projeto Educativo e do Plano Anual de Atividades do Agrupamento e ainda uma referência a uma ata de uma reunião do departamento do 1.º CEB, cedida pela coordenadora deste departamento. Após a recolha dos dados, nas entrevistas semiestruturadas, *focus group* e na análise documental, procedemos a uma análise de conteúdo temática, seguindo os procedimentos definidos por Bardin (2011). Os dados obtidos, nas questões abertas do questionário foram sujeitos a uma análise de conteúdo, sendo divididos em indicadores e quantificados, enquanto que os dados quantitativos recolhidos nas questões fechadas, foram sintetizados em tabela para permitir uma análise mais simplificada, uma melhor visualização das relações e, conseqüentemente, uma interpretação mais facilitada do que se pretende saber (Freixo, 2011).

## 6. Apresentação e análise dos resultados

A EEM é valorizada pelos vários participantes no estudo, sendo-lhe reconhecida importância no desenvolvimento dos conhecimentos musicais e no desenvolvimento global do aluno com contributos para o currículo da música no que respeita à audição e aos conhecimentos de índole musical, no desenvolvimento afetivo, na obtenção de melhores resultados escolares, no estímulo da atividade cerebral e na integração social.

Verificámos existirem vários constrangimentos na lecionação de EEM nas professoras do 1.º CEB, sendo as limitações mais referidas ligadas à falta de conhecimentos musicais (63.2%), à falta de formação musical enquanto professor generalista (63.2%) e ao pouco tempo para lecionar a EEM devido à extensão do currículo nas outras áreas (63.2%). A percentagem das professoras do 1.º CEB que se consideram preparadas para lecionar EEM situa-se em 10.6%. Não obstante os constrangimentos referidos, todas as professoras do 1.º CEB lecionam a EEM ao longo da semana. Pelo professor coadjuvante de EEM, não foram referidos quaisquer constrangimentos, sendo indicado que se sente preparado para lecionar EEM.

Quanto ao cumprimento do programa, as professoras de 1.º CEB referiram que 36.8% consegue cumprir o programa às vezes, 36.8% raramente, 10.5% frequentemente, 10.5% nunca e 5.3% sempre. Nas aulas coadjuvadas pelo professor da área da música, é referido por este que o programa é inteiramente cumprido. A responsabilidade da implementação da medida de coadjuvação por um professor especializado na área da música ao professor do 1.º CEB, é do diretor do agrupamento em estudo, sendo assente num conjunto de fatores relevantes. Estes fatores englobam: a importância da coadjuvação na perspetiva do diretor; a existência de uma prática anterior ao exercício das suas funções; a solicitação por vários atores educativos, entre eles os professores do 1.º CEB do agrupamento; a existência de horas remanescentes num horário de um professor de Educação Musical no 2.º CEB, que podem ser preenchidas com coadjuvação; a disponibilidade deste professor para coadjuvar no 1.º CEB e a pretensão de melhorar os resultados nas provas de aferição no 2.º ano, do 1.º CEB.

Quando questionámos as professoras de 1.º CEB se caso tivessem a oportunidade de decidir, se pretendiam ser coadjuvadas em EEM, a resposta foi bastante elucidativa, pois todas responderam afirmativamente. Não foi verificada no decorrer do estudo qualquer diferença de perceções entre as professoras de 1.º CEB com e sem coadjuvação em EEM, pois todas pretendem ser coadjuvadas, consideram a coadjuvação importante e não foram identificados dados que exponham diferenças de opinião independentemente de possuírem ou não experiência neste tipo de medida educativa.

Quanto ao funcionamento da coadjuvação de EEM, verificámos que a realização da planificação em conjunto não parece ter sido desenvolvida de forma uniforme com todas as professoras do 1.º CEB coadjuvadas inquiridas, por existir registo de quem o faça formalmente e de quem não o faça. Sobre a planificação em conjunto entre o docente coadjuvado e coadjuvante, Santos (2007) considera-a importante, materializando-se na “troca de ideias sobre os conteúdos a trabalhar, mas os novos desafios não se coadunam com este modelo, não existe, ainda, uma cultura de planificação colaborativa sistematizada” (p. 144), propondo uma reflexão para melhorar as práticas de coadjuvação e colaboração. Na prática da coadjuvação de EEM o coadjuvante e o coadjuvado estiveram presentes na sala de aula enquanto lecionavam. Apenas uma das professoras do 1.º CEB coadjuvadas nos últimos três anos, partilhou a lecionação de EEM com o professor coadjuvante de EEM, enquanto que as outras quatro professoras participaram nas aulas com os alunos, não tendo partilhado a lecionação da aula, cabendo ao coadjuvante de EEM desenvolvê-la. A coadjuvação foi habitualmente realizada na sala polivalente por ser um local com mais espaço que a sala de aula e foi praticada uma vez por semana, durante 50 minutos.

Foram identificadas vantagens e desvantagens na prática da coadjuvação em EEM, sendo evidente que são reconhecidas muito mais vantagens do que desvantagens, tendo mesmo havido quem tenha referido não existirem desvantagens. Nas vantagens associadas à coadjuvação em EEM foram referidas o maior conhecimento do professor especialista em relação ao professor generalista, o apoio prestado às professoras do 1.º CEB, a aprendizagem mútua entre coadjuvante e coadjuvado, a melhoria da qualidade das aulas de EEM, a possibilidade de realizar atividades diferentes, a melhoria dos conhecimentos dos alunos na área da música, a maior probabilidade do cumprimento do programa de EEM, a melhoria dos resultados dos alunos nas provas de aferição e na disciplina, o aumento da satisfação dos alunos, a preparação dos alunos para a pluridocência praticada no 2.º CEB e a garantia que a EEM é lecionada de forma regular. Nas desvantagens associadas à coadjuvação foram apontadas a falta de interesse do coadjuvante de EEM, a insegurança na partilha da sala de aula com outro professor, a dificuldade de relação entre o coadjuvante e o coadjuvado e a dificuldade de adaptação do coadjuvante às crianças do 1.º CEB.

Para os participantes no estudo, ser detentor de formação na área da música parece ser o requisito mais valorizado relativamente ao coadjuvante na área da música. Foram ainda apontadas como características relevantes para um professor que coadjuva em EEM a capacidade de adaptação às crianças do 1.º CEB, ser criativo, trabalhar colaborativamente, ser dinâmico, ter conhecimentos técnicos e ser motivador. Ao nível dos conhecimentos técnicos há a considerar os conhecimentos musicais específicos apontados pelo professor coadjuvante de EEM, nomeadamente saber utilizar instrumental Orff, ter alguns conhecimentos na área da coreografia e ser bom cantor.

Na identificação de práticas e estratégias promotoras da coadjuvação na EEM, o alargamento a todos os anos de ensino do 1.º CEB reúne um consenso alargado, estando também relacionada a vontade de ter um professor colocado para esse efeito. O diretor, tendo a noção que representaria um investimento avultado, propõe um possível desenvolvimento em moldes ligeiramente diferentes aos praticados atualmente, sugerindo que o professor do 1.º CEB seja apoiado e tenha acesso a materiais cedidos pelo coadjuvante sem que este leccione na turma. Há a preocupação em garantir a coadjuvação pelo menos no 2.º ano, por compreender-se que há dificuldade na atribuição desta medida pedagógica a todos os anos do 1.º CEB. Foi proposta a lecionação da EEM, em coadjuvação, em horário letivo pelas AEC's, como já praticado na educação física, embora não seja desenvolvida semanalmente. A valorização da coadjuvação e das expressões artísticas são referidas como importantes para obter outros resultados nos alunos do 1.º CEB. Foi ainda referido que deverão ser utilizados instrumentos musicais nas aulas coadjuvadas e ser formado um coro.

## 7. Considerações finais

A leção de EEM pelas professoras de 1.º CEB reveste-se de constrangimentos que colocam em causa o desenvolvimento do currículo de EEM, nomeadamente a falta de formação e de conhecimentos musicais e a falta de tempo devido à extensão dos programas curriculares nas outras disciplinas. Constatando-se que apenas 10,6% das professoras do 1.º CEB consideraram ter preparação para lecionar EEM, torna-se bastante alarmante que estas docentes sejam as únicas responsáveis pela leção nesta área, tornando-se urgente apoiá-las para que os seus alunos não fiquem com uma lacuna no currículo. A consciência da falta de preparação poderá representar um dos principais motivos para que todas as docentes do 1.º CEB pretendam ser coadjuvadas por um professor especialista em música, quer tenham ou não sido coadjuvadas ao longo do seu percurso profissional. A vontade que as docentes têm em ser coadjuvadas constitui na perspetiva de Lourenço (2018) um aspeto determinante para o desenvolvimento da coadjuvação.

Quando a coadjuvação em EEM é praticada, há diferença no cumprimento do programa de EEM, sendo mesmo assumido que é cumprido pelo professor coadjuvante e, deste modo, haverá uma maior garantia de atingir a literacia musical que Vasconcelos (2006) considera ser o principal objetivo da EEM. Sendo uma medida desejada pelas docentes do 1.º CEB, a responsabilidade da sua implementação é do diretor do agrupamento, que baseia a sua decisão em fatores pedagógicos e na existência de recursos humanos disponíveis.

No funcionamento das aulas de EEM coadjuvadas, as professoras de 1.º CEB estão presentes, mas a maioria não partilha a leção. Fora da sala de aula, no que respeita à preparação das aulas de EEM, não pareceu existir um procedimento uniformizado, sendo a planificação em conjunto um dos aspetos que beneficiará com a intervenção da direção e dos professores envolvidos através da calendarização no trabalho colaborativo e na definição do formato de como se preparariam as aulas de EEM.

Nas vantagens e desvantagens identificadas na prática da coadjuvação em EEM, são associadas de forma inequívoca um maior número de vantagens. As desvantagens apontadas prendem-se mais com questões de interação, articulação e adequação do professor coadjuvante à especificidade do 1.º CEB que poderão ser ultrapassadas ou minimizadas através do trabalho colaborativo e no planeamento, em conjunto, das aulas pelo professor de 1.º CEB e o professor especialista na área da música.

Um aspeto pertinente é não terem sido verificadas diferenças de perceções sobre a coadjuvação nas professoras do 1.º CEB, independentemente de terem ou não sido coadjuvadas, tendo sido considerada importante e unanimemente desejada.

Respondendo à questão de partida se *será importante a coadjuvação na EEM, no 1.º CEB, por um docente especializado na área da música?*, de forma direta, concluímos que sim. Podemos inferir que a coadjuvação em EEM representa uma importante estratégia para melhorar o ensino da EEM, com benefícios no que se ensina e como se ensina às crianças do 1.º CEB, representando uma solução para os constrangimentos de maior relevo identificados. Como Tracana (2013), consideramos que a coadjuvação, entre o professor de 1.º CEB e o professor da área da música, reúne “os alicerces para a melhoria do ensino da música no 1.º Ciclo do Ensino Básico” (p. 238).

## Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70, Lda.
- Brécia, V. (2011). *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva* (2ª ed.). Editora Alínea.
- Campbell, L., Campbell, B., & Dickinson, D. (2000). *Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas* (2ª ed.). Artmed.
- Carvalho, N., & Condessa, I. (2017). A relevância dada à música e ao movimento nas práticas pedagógicas por Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo. In N. Fernandes, M. H. Vieira, F. Azevedo, & B. Pereira (Eds.), *Atas I Jornadas em Estudos da Criança*, 131–143. Braga: CIEC. <http://www.eventos.ciec-uminho.org/jornadas2019/docs/atas.pdf>
- Cebola, A. (2013). *O contributo do trabalho interdisciplinar na aprendizagem dos alunos do 3.º ano: reflexão sobre a Prática Pedagógica no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico* [Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro]. Repositório da UTAD. <http://repositorio.utad.pt/handle/10348/7222>

- Coelho, S. (2014). *A pluridocência no 1.º Ciclo* [Dissertação de mestrado, Universidade do Algarve]. Sapientia, Repositório da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/8309>
- Costa, A., Aguiar, M. C., & Rocha, J. (2019a). Lecionar expressão e educação musical no 1.º Ciclo do Ensino Básico. In M. V. Pires, C. Mesquita, R. P. Lopes, E. M. Silva, G. Santos, R. Patricio, & L. Castanheira (Eds.), *IV Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): livro de atas* (pp. 91–101). Instituto Politécnico de Bragança. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/15084>
- Costa, A., Aguiar, M., & Rocha, J. (2019b). Lecionar Expressão e Educação Musical no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Perspetivas dos professores acerca da sua formação. In J. Rocha, L. Menezes, B. Rego, M. Figueiredo, A. Ribeiro, A. I. Silva, S. Felizardo, & A. P. Cardoso (Eds.), *Livro de Atas: Olhares sobre a Educação 7 Editores*: (pp. 81–95). Escola Superior de Educação-Instituto Politécnico de Viseu.
- Coutinho, C. P. (2020). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas* (2ª ed.). Almedina.
- Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. *Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens*. <https://dre.pt/application/file/a/115648908>
- Dias, M. (2011). *Operacionalização da Expressão Musical no 1º Ciclo do Ensino Básico* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório Científico IPVC. <http://repositorio.ipvc.pt/handle/20.500.11960/1533>
- Figueiredo, S. (2004). A preparação musical de professores generalistas no Brasil. *Revista da abem*, 12(11), 55-61. <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/347>
- Freixo, M. (2011). *Metodologia científica* (3ª ed.). Instituto Piaget.
- Gardner, H. (2012). *Inteligências múltiplas*. Artmed.
- Goés, R. (2009). A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico. *Revista Do Centro de Educação a Distância –CEAD/UDESC*, 2(1), 27–43. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1932/1504>
- Gordon, E. (2000). *Teoria da aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar*. Fundação Calouste Gulbenkian
- Lei 46/86, de 14 de outubro. *Aprova a Lei de Bases do Sistema Educativo*. <https://dre.pt/application/file/a/222361>
- Lourenço, E. (2018). *Da coadjuvação ao trabalho colaborativo e do trabalho colaborativo à supervisão pedagógica: Impactos no desenvolvimento profissional dos docentes e nas aprendizagens dos alunos* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Viana do Castelo]. Repositório Científico IPVC. <http://repositorio.ipvc.pt/handle/20.500.11960/2086>
- Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais, 1.º ciclo do Ensino Básico, Educação Artística-Música*. Ministério da Educação. [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/1\\_ciclo/1c\\_musica.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1c_musica.pdf)
- Morais, D. (1999). Música na escola Um desafio a todos os professores do 1º ciclo. *Revista de Educação Musical*, 101, 14–17.
- Moreira, T. (2012). *A Educação Musical nos jardins-de-infância e no primeiro ciclo da escola portuguesa, num contexto de interdisciplinaridade para a aquisição de competências* [Tese de doutoramento, Universidade de Valladolid]. Repositorio Documental de la Universidad de Valladolid. <https://doi.org/10.35376/10324/2882>
- Pacheco, J. (2000). Painel: Monodocência-coadjuvação. In G. Aníbal (Coord.), *Gestão curricular no 1º Ciclo Monodocência –coadjuvação* (pp. 53–60). Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Rangel, M. (2000). Painel Monodocência-coadjuvação. In G. Aníbal (Coord.), *Gestão curricular no 1º Ciclo Monodocência –coadjuvação* (pp. 61–68). Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Reis, C. (2012). *A importância da Educação Artística no 1º Ciclo do Ensino Básico: conceção, implementação e avaliação do Projeto Tum- Tum* [Dissertação de mestrado, Universidade Aberta]. Repositório Aberto. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2739>
- Relvas, M. (2009). O lugar da Música no Ensino Básico: Música para todos. In *Congresso do 1.º Ciclo “De Pequenino Se Trilha o Caminho”*. Gailivro. Porto. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/799>



- Rocha, A. (2012). Reflexões sobre “os porquês” da Educação Musical nos currículos escolares: a música aprende-se com música. *Revista de Educação Musical*, 138, 63–66.
- Santos, M. (2007). *Uma abordagem à luz da inovação pedagógica do Ensino Básico às Expressões Artísticas no 1º Ciclo. Um estudo de caso numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico* [Dissertação de mestrado, Universidade da Madeira]. Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1610>
- Soares, D. (2012). *O ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico: Das orientações da tutela à prática lectiva* [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/23436>
- Swanwick, K. (2003). *swanwick, 2003-ensinando música musicalmente*. Editora Moderna.
- Teixeira, C. (2016). Repensar o 1.º Ciclo do Ensino Básico: organização e práticas na sala de aula. In C. Mesquita, M. V. Pires, & R. P. Lopes (Eds), *I Encontro Internacional de Formação na Docência: Livro de atas (INCTE)*, 212–219. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/11435>
- Tracana, M. (2013). *Perfil e funções do ensino da música nos ramos genérico e especializado do 1.º Ciclo do Ensino Básico: estudo de caso múltiplo* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositórioUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34421>
- Vasconcelos, A. (2006). *Ensino da Música: 1º Ciclo do Ensino Básico - orientações programáticas*. Ministério da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/ensino\\_da\\_musica\\_1.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/ensino_da_musica_1.pdf)